

NASCIMENTO, Francisca Denise Silva do. Velhice feminina: Emoção na dança e coerção do papel de avó. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30: pp. 457-505, dezembro de 2011, ISSN 1676-8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Velhice Feminina

Emoção na dança e coerção do papel de avó

Francisca Denise Silva do Nascimento

RESUMO: Analiso aqui a problemática da velhice feminina a partir de uma perspectiva construcionista pontuando como a mulher considerada “velha” vem se equilibrando entre regras tradicionais que a resume à condição de avó e novos moldes inaugurados pelo estilo de vida chamado “terceira idade” que induz a pessoa com idade superior a sessenta anos a ocupar novos espaços e mudar de atitude frente à idade que se tem. As mulheres estudadas representam uma quebra de padrões impostos à mulher e especialmente à mulher velha. Neste trabalho analiso através de observação participante e etnografia dos bailes, o quanto estas mulheres mesmo dando um grande passo em direção à emancipação quando decidem dançar, ainda estão presas a jargões impressos em seus corpos de modo a lhes podar sentimentos, a lhes talhar a emoção de amar de novo ou de simplesmente se dar o direito de se sentir bela. A dança aparece para estas mulheres como um instrumento que possibilita a revalorização de seus corpos. Elas se identificam com padrões de comportamento tradicionais e por isso não querem conflito com seus familiares, mas se vêem representadas no estilo de vida chamado terceira idade, há uma combinação de valores e uma multiplicidade de identidades convivendo, hora a vozinha, hora a dançarina. **Palavras-chave:** velhice; dança; gênero; padrões de comportamento.

Ela baixou o olhar para as próprias mãos. Um milagre, pensou. Nenhuma sarda ou mancha nessas mãos pedregosas de uma mulher madura. Sem escapismo, velha. Mas limpa. (...) Tanto cansaço, um cansaço que vinha de longe, tanta preguiça. Ter que entrar novamente na humilhante engrenagem do rejuvenescimento, que mão de obra. Era alto de mais o preço para escamotear a velhice, neutralizar essa velhice – até quando? Por favor, quero apenas assumir a minha idade, posso? Simplesmente depor as armas, coisa linda de se dizer. E fazer. O tempo venceu, acabou (LÍGIA FAGUNDES TELLES; 1998)

De acordo com Debert e Goldstein em Políticas do Corpo e Curso da vida “as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Na verdade, quanto mais a idade aumenta, mais as mulheres são numerosas, e o envelhecimento passa a ser um fenômeno que se conjuga, antes de tudo, no feminino”. (2000; p. 294). Este dado aponta a velhice feminina como problema a ser estudado levando-se em consideração toda a problemática vivida pela mulher como alvo desta sociedade cujo corpo é tratado como um produto que tem data de validade. (MARGARETH DE MELLO REIS, 2002)

Observando esse contexto que circunda a vida da mulher com idade avançada defendi a tese de que nas sociedades atuais é possível uma velhice pautada no prazer e na revalorização de si através da dança de salão. Minha tese de doutorado intitulada *De volta aos embalos de sábado à noite: A dança de salão na terceira idade* buscou a conexão entre três categorias de análise: gênero, velhice e consumo. Foram analisadas narrativas de vida de oito mulheres entre sessenta e oito e noventa e dois anos. Entre elas, seis são

viúvas, uma delas é separada e outra casada. As oito são clientes da Academia Dancing Days¹ que se localiza em Fortaleza.

A pesquisa empírica direcionou-se para mulheres que quebraram os padrões que um dia lhes foram impostos negociando com os costumes antigos, resgatando-os à sua maneira, de acordo com sua conveniência. O objetivo geral da pesquisa é compreender como o investimento mercadológico na “terceira idade” produz um estilo de vida que interfere nas representações sociais que essas mulheres têm acerca do envelhecimento. Entre os objetivos específicos procurei traçar as trajetórias dessas mulheres que praticam a dança de salão e a usam como forma de alcançar prazer e ainda caracterizar os bailes da terceira idade como espaços de novas sociabilidades para o grupo estudado e perceber a influência do consumo de serviços como condição de um estilo de vida desejado. Acompanhei durante dois anos os bailes da terceira idade que aconteciam no Círculo Militar e no Náutico aos sábados à noite na cidade de Fortaleza e entrevistei as oito informantes concomitantemente às minhas idas aos bailes de modo que pude perceber suas vivências fora e dentro dos bailes comparando-as com suas falas durante as entrevistas que eram feitas em suas residências.

Estas mulheres acompanham o circuito dos bailes da terceira idade em Fortaleza pagando jovens dançarinos da citada academia para serem seus parceiros. Essa postura aponta para novos modos de gestão de velhice inaugurados dentro de um estilo de vida que se convencionou chamar terceira idade. As mulheres estudadas representam uma quebra de padrões impostos à mulher e especialmente à mulher velha. Suas

¹ O nome da academia é fictício bem como os nomes das informantes que serão nomes de pássaros. Essa escolha é discutida num outro capítulo da tese que não será tratado aqui, mas se baseia no fato de que as mulheres definem a dança como um momento onde se sentem voando. A expressão “me sinto um pássaro” é uma categoria nativa das informantes que resolvi respeitar aproveitando para resguardar a privacidade delas.

trajetórias apontam para o quanto tiveram seus desejos e direitos cerceados por uma cultura androcêntrica. Neste naco de tese analiso, portanto o quanto estas mulheres mesmo dando um grande passo em direção à emancipação quando decidem dançar, ainda estão presas a jargões impressos em seus corpos de modo a lhes podar sentimentos, a lhes talhar a emoção de amar de novo ou de simplesmente se dar o direito de se sentir bela.

A angústia de Maria, exposta na epígrafe, personagem da obra *A Noite escura mais eu*, de Lygia Fagundes Telles remete a uma das tantas aflições que sente a mulher considerada velha. O sentimento de humilhação de “ter de entrar novamente na engrenagem do rejuvenescimento” se dá em razão do contexto cultural no qual o corpo feminino deixou de submeter a antiga servidão doméstica para agora ser controlado pela estética tendo que se equilibrar no tripé juventude-beleza-magreza. Essa tríade difícil de manter até para as mulheres mais jovens, se torna quase sempre impossível de ser mantida por mulheres acima de sessenta anos, pois o tempo é implacável e ninguém escapa à sua ação. A impressão que a mulher velha tem de que é necessário parecer mais jovem dá-se especialmente em torno dos ditames criados para o corpo, mas não se reduzem a ele. Segundo Debert (1999; p.8):

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade.

O fato é que quando se trata do envelhecimento feminino o rigor do olhar do outro é maior do que em relação ao homem. A mulher parece não poder ter vida sexualmente ativa, e se busca tê-la é vista como inadequada. Enquanto ao homem, especialmente, após a invenção do Viagra, tudo lhe é permitido, mesmo com a idade avançada, “a data de validade” masculina se

estende para além daquela imposta a mulher. As mulheres moderam ou negociam suas ações dentro e fora do baile por medo de ganharem a pecha de “viúva alegre”. Essa é a forma como as minhas informantes chamam aquelas dançarinas que não tem um comportamento adequado para uma mulher velha e viúva segundo os critérios estipulados por elas mesmas. É importante então destacar o quanto o envelhecimento é uma questão muito mais feminina que masculina

(...) não somente por que a intensidade e a frequência dos problemas ligados à idade são mais importantes para as mulheres do que para os homens, mas também por que alguns deles estão intrinsecamente ligados ao sexo feminino. Por exemplo, à mulher envelhecida são proibidas à sedução e à sexualidade. A mulher velha não é mais mulher pois seu corpo não é mais objeto de desejo, está fora do circuito da sedução e da reprodução que para as mulheres das gerações mais velhas, estabelece seu estatuto fundamental. (DEBERT & GOLDSTEIN, 2000, 294)

A partir da análise das autoras posso dizer que o sexo da velhice seria feminino, pois as cobranças e acusações apontam muito mais intensamente para as mulheres. O que essa constatação sobre a velhice feminina revela é que as diferenças de gênero marcam o envelhecimento. No século XVII as mulheres velhas eram vistas como bruxas, feias e malvadas. Histórias clássicas como *A Branca de Neve e os sete anões* contadas até hoje reproduzem os padrões de beleza, bondade, virgindade e pureza associadas à juventude, enquanto a maldade e a bruxaria são de competência de uma mulher mais velha que necessita que a jovem princesa morra para que ela permaneça sem concorrência e lhe roube a beleza.

De acordo com Debert & Goldstein (2000) frente a esse rigor para com a velhice feminina, as mulheres buscariam se maquiarem, se enfeitar tentando disfarçar a velhice decadente “para manter um papel ativo no seu grupo social”. (p. 297)

Para estas mulheres dançarinas é uma espécie de desforra, uma “doce vingança” ver os homens “velhos” sentados sozinhos

a invejar suas *performances* acompanhadas de homens jovens, que tanto ao olhar delas, quanto ao olhar destes velhos senhores, são superiores em beleza e em habilidade. Não foi raro vê-las debocharem dos homens na terceira idade que as chamavam para dançar e delas ouviam NÃO. De um modo geral eles passavam a noite rodando no salão à procura de mulheres mais jovens, mas ao perceberem que eram preteridos, recorriam às mulheres com idade mais avançada. O preterimento se dava da mesma forma. Elas lembram que em “outras épocas” eles poderiam escolher quem quisesse, e as preteridas ficavam sozinhas. Lembram que os homens sempre iriam preferir as mais jovens, mas com os bailes voltados para a terceira idade, eles têm poucas jovens para escolher. Entretanto elas têm os dançarinos jovens à sua disposição. Seus risos e deboches da situação do homem mais velho nos bailes tem a ver com toda a repressão que sofre uma mulher acima da meia idade. Uma delas usa a expressão: “me sinto vingada”. O prazer em se vingar só pode ser entendido se observarmos que a velhice feminina é muito mais criticada e seus efeitos biológicos são mais estereotipados que nos homens.

Percebendo então o envelhecimento como uma problemática muito mais feminina que masculina, pretendo relatar “o olhar” das informantes acerca do que é velhice e assim entender o que sentem na relação consigo e com os outros. Claudia Rezende e Maria Coelho em *Antropologia das Emoções* (2010) explicam que os sentimentos só podem ser entendidos dentro de um contexto cultural que os cerca. Ora, o sentimento de vingança se relaciona com um histórico de repressão, humilhação sofrido por estas mulheres. As determinações masculinas foram reduzidas nos dias atuais, mas no caso das mulheres em estudo socializadas para obedecer, para ser boa mãe e boa esposa, essa cultura do “macho alfa” ainda é muito presente.

Velhice feminina e influência dos ditames masculinos

As mulheres serviram todos estes séculos como espelhos possuindo o poder de refletir a figura do homem duas vezes maior que seu tamanho natural. (Virgínia Woolf)

As oito mulheres em seus discursos sinalizam para possíveis críticas das quais elas tentam escapar e por isso sentem medo do que vão dizer. Foi recorrente a fala das mulheres esclarecendo que não queriam ser confundidas com “viúvas alegres”.

Sabiá explica que: *“é diferente quando você está se divertindo de quando você está caçando marido, ou amante. Sou uma viúva séria e não estou procurando marido. Nos bailes vez por outra aparece uma viúva alegre, parece uma mariposa apaixonada, é sorrisinho pra tudo que é lado, principalmente pros homens. Se você chegar a ver isso, não sou eu.”*

Discurso semelhante é o de Beija-flor: *“Sou muito animada mas como os meus, não fico com os dentes acesos pra todo mundo não. Deus me livre dum neto meu dizer: ei vó tão dizendo por aí que você é uma “viúva alegre”. Acho que morro de vergonha. Eu sou uma pessoa que você nunca vai me ver de cara fechada, mas também não vai me ver dando trela pra todo mundo como uma, uma assim, uma “viúva alegre”.*

Jaçanã diz que: *“existem dançarinas e dançarinas. Existem aquelas que vão para dançar e se mantém do lado sério da coisa se arrumar amante, sem se insinuar na festa, sem se expor, e existe aquela que mata a gente de vergonha quase beijando a boca do rapaz em plena festa. Eu não quero nem perto de mim pra depois eu não ser confundida com ela e levar o nome de “viúva alegre” igual a ela! Quero não. Diga-me com quem tu andas e direi quem és. Eu não sou “viúva alegre” não posso andar com uma.*

O medo que elas sentem tem a ver com preconceitos formados frente às suas escolhas. Elas mesmas demonstram o quanto são conservadoras quando reprovam o comportamento de outras mulheres que por ventura venham a ter um relacionamento com um homem mais novo.

Analisando os depoimentos das mulheres sobre o significado da velhice posso perceber que esta é vista por uma fresta: a masculina. A partir das definições que as dançarinas deram a respeito de suas vivências pude perceber que é no corpo que está a marca da velhice. Rezende e Coelho (2010) apontam para o quanto as emoções estão interligadas às idéias que fazemos de nossos corpos.

Corpo velho = corpo feio

Andorinha

O mais chato da velhice na verdade é quando você quer fazer coisas e não pode. Tipo o quê? Colocar um biquíni cavado e ir para a praia. Vejo minhas fotos antigas e pergunto: como me deixei ficar assim? Por que sou gordinha, não dá pra ficar com corpo de princesa sempre, depois de dois filhos, um mamou até quatro anos, e mais sessenta e oito anos nos couros, não tem corpinho magro que suporte minha filha!

As mulheres que pesquisei deixam para as mais jovens o poder de ser bela. Em seus depoimentos fizeram questão de mostrar que são felizes com o corpo que tem e que neles ainda encontram motivos para serem felizes, pois estes ainda lhes possibilitam fazer muita coisa e entre esses afazeres está a dança. Demonstram sentir que o fato de serem independentes é mais um prêmio de consolação por não poder mais ser bela. Esse prêmio seria a felicidade de realizar e conquistar novos espaços, mas isto não deixa de revelar o quanto os padrões de beleza atuais as afeta.

Bem-te-vi

Então velhice é isso né? Por um lado é angustiante a gente se vê “se acabando”, vendo o corpo da gente murchando igual a um maracujá, e cada vez mais as roupas escondem menos, ta entendendo? Não se pode usar tudo que é bonito, não se pode mais fazer de tudo. Eu posso fazer passos fantásticos ainda, mas só faço na academia, não faço no baile por que sou uma velha, aí o que vão pensar de mim se me virem rodopiando demais, vão dizer olha aí a “viúva alegre”. Aí eu me comporto, sou velha mesmo, não sou bonita, deixo esses encantamentos pro povo novo, eu não preciso mais chamar atenção, não pretendo me casar, então beleza e sensualidade para mim não significam mais nada. Não preciso destas coisas não. Inventar de ser sensual não dá certo não, só pro povo falar mal da gente. Então a velhice é isso né? Por um lado você está meio acabada, mas por outro vê que ainda pode fazer coisas novas e vê também que cumpriu seu papel, as filhas casadas, formadas, os netos tudo se encaminhando direitinho...assim é velhice: eu vou por aqui dançando enquanto a danada não chega.

“O discurso do corpo fala das relações internas à sociedade, e também nele vai se expressar a busca da felicidade plena. Palco privilegiado dos paradoxos e dos conflitos, o corpo que busca a sua singularidade é o mesmo que tenta negar a diferença e a alteridade”. (JOANA NOVAES; 2006; p. 75).

Isso é muito marcante na fala e no comportamento das minhas informantes. Buscam diferenciar seus corpos dos corpos velhos e decrépitos utilizando a dança e o discurso da autonomia. Concomitantemente tentam disfarçar o máximo a velhice.

Águia

Você pode dialogar com a velhice e adiar. Você se pinta, se maquia, se perfuma e já melhora muito a aparência. Veste a coisa adequada e pronto. Velhice é só uma fase, gente. Cheia de coisa boa também. Eu me amo mais agora do que antes. Passei a vida toda cumprindo três missões: sendo mãe, sendo esposa de marido grosso, e sendo professora. Agora, velha, sou eu. Eu lido bem com a velhice, aproveito o que ela tem de melhor, liberdade, liberdade, liberdade, liberdade... isso é que é vida, ser livre.

O discurso de Águia muito semelhante ao das demais mostra que elas dialogam com a velhice ao mesmo tempo em que o se dizer autônoma faz parte da construção da imagem de velhas que elas querem passar. Um velho “quase” novo depende do diálogo que se tem com a velhice, depende da forma como você negocia com ela. Isso se dá por que cada vez mais observamos os padrões tidos como certos através de telas de TV, cinema entre outros. Desse modo, fica difícil não querer ter os corpos da Ana Paula Arósio, Ana Hickmann, Juliana Paes. Citei esses nomes de celebridades por eles terem sido usados como exemplo de beleza pelas minhas informantes. Em uma das conversas à mesa quando o assunto era beleza ou mudanças que alguém tinha feito no corpo tais como cirurgias plásticas elas comentavam que se pudessem escolher um corpo escolheriam corpos semelhantes ao dessas atrizes. Minhas informantes condenavam a plástica. Diziam que se deve viver e morrer com o corpo que foi dado

por Deus, mas se pudessem escolher ficariam com os corpos das atrizes, (tidos como belos hoje) e não com os seus mesmos.

Fica claro então por que elas deixam beleza “para o povo novo”. Nas sociedades atuais há uma “espetacularização” constante. Os corpos devem estar prontos para serem observados. Joana Novaes diz que:

A palavra público, contraposta a povo, remete-nos a espectadores, interativos ou não, espetáculos, festas, enfim, a teatralização. Conseqüentemente, remete-nos, igualmente, a atores, personagens, modelos e ídolos. Olhar implica também ser olhado; ver, ser visto; construir uma imagem é também ser afetado por ela. (2006; p. 78)

Então o que a mulher de mais idade vê são mulheres jovens, magras sendo assediadas e vistas como sedutoras graças a esses corpos vistos como corretamente belos. Por conta disso ao serem vistas, são olhadas em suas rugas, excesso de peso, andar pausado.

Diante dessa realidade elas têm pouca possibilidade de se acharem belas. São atravessadas por essa ordem cultural. Seus corpos são afetados pelas imagens de corpos “lindos” transmitidas pela mídia de um modo geral. Cristine Greiner na obra *O corpo* (2008) diz que:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. (2008; p. 131)

A autora explica que o corpo captura informações através da percepção e as reconstrói a sua maneira de forma singular. Essas

informações se transformam no próprio corpo. O olhar da autora me remete a fala das mulheres quando definem seus corpos como feios.

Primavera

A velhice é para mim um momento de desobrigação, menos responsabilidade. O problema da velhice é que por um lado ela te liberta de um monte de coisa e por outro ela te tira algo tão precioso né? Aquele corpinho de dá gosto vai embora com o passar dos anos. Você não seduz mais nem um cão. Não sei como meu corpo chegou a ficar assim, quero dizer sei, filhos, reclusão, por que eu não podia frequentar uma academia. Então hoje procuro disfarçar as sobras com vestidos frouxos para não apertar aquilo que não quero que apareça.

Chorozinho

Não uso nada que venha a me deixar mais jovem, procuro estar alinhada, “adequada” e não jovem, por que isso é impossível, o tempo não volta, e passa e leva o corpo enxuto da gente, aí fica só as pelancas, depois de quatro filhos, dezesseis netos e vinte e dois bisnetos quer o que? É pedir demais meu colega. Isso derruba qualquer um. Vai se embora tudo, beleza, magreza, peito cai...é assim mesmo.

A informação de que juventude e magreza resultam em beleza não só as afeta como as transforma em mulheres que se vêem feias e esse olhar cruel sobre si mesma é amenizado pela capacidade de dançar. São muitas as informações que os corpos recebem. E apesar da indústria da beleza não dar trégua, existem outras informações que também contribuem para que mesmo elas não se considerando belas, elas reajam: é o discurso da terceira idade. Desse modo as duas informações negociam. *Não sou bela, mas posso fazer uma bela dança.*

Karenine de Oliveira Porpino na obra *Escritos sobre o corpo* (2009) esclarece que nem sempre o ser humano se submete às verdades edificadas pela cultura. Segundo esta autora a dança é uma das formas de resistência que o ser humano encontra para reagir aos determinismos culturais fazendo com que o homem através da dança se reconcilie com sua essência. (p.55).

Paradoxalmente ao mesmo tempo que vêm seus corpos como feios, também o vêm em condições de apresentação no baile, ou seja, também podem fazer parte do “espetáculo” de corpos ativos. São sentimentos que não se excluem, mas ao contrário, se necessitam. Sentir-se feia e poder ter a emoção de dançar soa como compensação.

Andorinha

A velhice para mim é outro momento. Um momento de descobertas tenho me desafiado muito e gosto disso. Confesso que me frustro quando percebo meu esquecimento piorando. Dizem que é bom exercitar o cérebro, mas não tenho saco para voltar a estudar, é barra né? Sinto-me fraca às vezes. Mas também sou muito forte para muita coisa. Hoje, velha, me sinto livre de um monte de coisa e presa a um monte de rugas (gargalhadas). Mas a dança, aí a dança me libera dessas amarras sabe? Eu posso não ser a Camila Pitanga, mas eu dou um show nos bailes.

Bem-te-vi

Eu tinha tarefas domésticas de 6h da manhã até 10h da noite, era barra, mas eu gostava. Aí na velhice, todo mundo casado, marido falecido, aí pufit! Tudo sumiu... agora sou só eu e a velhice que com ela vem muita coisa chata né? É dor aqui, dor acolá, mas ao mesmo tempo também sou independente. Não tenho de dar satisfação a seu ninguém. E posso dançar ainda e muito. Meu neto veio me perguntar se eu sabia dançar Aviões do forró. Aí eu disse: a pergunta é se você serve pra seu meu parceiro no salão. Ora mais, esse povo novo pensa que só eles é quem dão show olha? Pois eu boto qualquer um no chinelo, e eu danço viu, esse povo de hoje se esfrega, mostra o rabo...(pede desculpa e ri) o que é bem diferente.

Beija-flor

Velhice minha filha, é esquecer a chave do carro na porta e te roubarem tudo (gargalhada). Eu fiz isso outro dia. Minha memória está uma porcaria, uma merda mesmo, desculpe a expressão. Mas eu não me deixo vencer. Só tenho sessenta e oito anos e sei que posso viver mais uns vinte com qualidade de vida. Então é assim, a velhice para mim é um momento de você se tocar do que pode e do que não pode fazer. Mas o que você for fazer tem de fazer com prazer, com gosto, com felicidade, afinal de contas a velhice é

um momento de você viver para você. Então com toda a velhice me restou eu ainda posso dançar, cê tá doida, isso não tem preço não. Eu me renovo.

Águia

Tudo fica velho não é? Até um papel que você guarda numa gaveta envelhece. Bom, velhice é isso, é o tempo agindo sobre você, deixando dores, marcas que não se apagam. Mas você não tem de se amargarar não. Você pode dialogar com a velhice e adiar. Tem outras opções. Pode dançar, pode voltar a estudar, o povo é que se afunda no fundo de uma rede. Eu não, eu danço. Eu simplesmente arraso no salão você vai me ver dançando e vai ver que eu sou uma das melhores.

As mulheres aqui estudadas se reconciliam com seus corpos como pode ser percebido quando apontam o que ainda podem fazer com ele. A dança modifica os sentidos que elas têm de seus corpos e se torna mais forte que os preconceitos acerca do envelhecimento feminino. O corpo visto como feio para elas merece, portanto uma maquiagem e uma roupa de modo que possa minimizar os efeitos da velhice.

Com que roupa eu vou? Corpo: o lócus da comunicação de quem sou.

A velhice como temática central desta pesquisa tem atraído outras variáveis que vieram até agora sendo exploradas de acordo com o momento mais apropriado. Uma das variáveis fundantes na compreensão do fenômeno envelhecer é o corpo. É nele, por causa dele e com ele que se envelhece. Os discursos das mulheres estudadas podem falar por si sós que a velhice é sentida através do corpo no sentido do que se pode fazer fisicamente ou moralmente. O corpo da mulher velha sofre muitas coerções morais e isso somado aos aspectos físicos tais como o esquecimento, as dores, o peso, as fazem se limitar quanto à quantidade que comem, ao que comem, mas principalmente quanto ao que vestem. O olhar que elas têm é pautado pela civilização dos costumes contemporâneos que dizem que o corpo belo é o jovem e magro, daí as roupas devem ser adequadas para esconder “o que sobra”. A roupa será a

embalagem que desvela e vela, simula e dissimula o que é necessário esconder, mostrar conforme as conveniências.

David Le Breton em *Sociologia do corpo* (2009) explica que:

As regras de civilidade vão, de fato, impor-se para as camadas sociais dominantes. Como se comportar em sociedade para não ser, parecer, um bruto. Pouco a pouco o corpo se apaga e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos e os mais ínfimos da corporeidade (...). As sensibilidades modificam-se. É conveniente não ofender os outros por causa de um comportamento demasiado relaxado. (2009; 21)

Parafraseando Le Breton, no que concerne ao corpo da mulher velha, com base em seus relatos pode-se dizer que elas precisam saber como se comportar numa sociedade “para não ser, não parecer velha”, pois ser, estar, ficar ou parecer velho é entendido como um “comportamento relaxado”. Seus relatos mostram que elas tanto se privam das vestimentas que consideram inadequadas quanto quando falaram sobre o que é ser mulher, também se privam de comportamentos considerados impróprios para uma velha “decente”. Seus corpos se enredam dentro da trama social de sentidos. Mesmo quando elas parecem subverter a ordem dançando (aspecto que será analisado no quinto capítulo) ainda assim tem seus corpos definidos pelas designações da rede simbólica social. (LE BRETON, 2009)

As informantes sem assumem velhas ou na terceira idade (é o caso de Jaçanã), mas o fazem sempre com um “abre parênteses” no sentido em que aceitam a velhice por um lado quando esta representa experiência e liberdade, mas procuram escondê-la, pois esta experiência representa também muitas rugas e peles, e peso e “deformações” que estigmatizam, por que o corpo fora dos padrões de beleza atuais acaba sendo estigmatizado.

Assim tal qual um “deficiente”, o velho é percebido em nossa sociedade com um corpo que não está em condições apresentáveis o que exige cuidados especiais com a escolha de como se vestir. Para além dos seus relatos percebi durante as entrevistas e nos bailes que elas usavam trajés considerados

adequados para sua idade e as diferentes ocasiões. Nas entrevistas em suas casas usavam: batinhas combinadas com calças largas abaixo do joelho ou até o tornozelo e vestidos, quase nada de decote, sutiãs que levantam bastante o busto; nos bailes era comum o uso de vestidos longos, adequados à noite com enchimentos para bumbum, blusas de seda com mangas japonesas.

Mary Del Priore em *Corpo a Corpo com a Mulher* (2000) explica que “o aumento da esperança de vida tornou-se um problema, pois as mulheres não querem mais “envelhecer”. Elas negam-se a mudar, a transformar-se”. (13)

O fato de que elas assumem a velhice não significa dizer que o façam sem tensão. Em nossa cultura a feminilidade tem a ver com ter um corpo. E este deve estar suspenso no tripé saúde-beleza-juventude. O corpo destas mulheres sofre os efeitos do tempo, porém mais que isso sofre os efeitos dos olhares cortantes que as chamam de “vó”. Define-se alguém como “avó” apenas olhando o corpo que não obedece ao desejo de permanecer jovem e conseqüentemente bela. Ser mulher, ser bela e ter um corpo magro torna-se uma coisa só. E as mulheres aqui estudadas acabam aceitando a “não beleza” como natural. Culpam o tempo, tempo mordaz que leva tudo que não volta mais. Aceitam que os homens só valorizam a beleza física e mesmo dizendo que não há problema por que agora elas têm o dançarino é possível sentir uma marca de tristeza quando explicam: “não quero mais me casar mesmo”.

Todas as vezes que as entrevistei, independente do horário, estavam bem maquiadas de modo que rugas e olheiras ficavam bem disfarçadas. As cintas que as deixam mais esbeltas, segundo uma delas “é minha melhor amiga”. Os sutiãs com enchimento para as que têm pouco seio e depois de amamentar cinco filhos, certamente compõem o peito turbinado que lhes falta. As feministas bradaram por tanto tempo e de fato conquistaram o ideal de que “nosso corpo nos pertence”, mas com tanto disfarces pergunto se nos pertence mesmo.

Mesmo tomando posse do controle de seu corpo, mesmo regulando o momento de conceber, a mulher não está fazendo mais do que repetir grandes modelos tradicionais. Ela continua submissa. Submissa não mais às múltiplas gestações, mas à tríade de “perfeição física”. A associação entre juventude, beleza e saúde, modelo das sociedades ocidentais, aliada às práticas de aperfeiçoamento do corpo, intensificou-se brutalmente, consolidando um mercado florescente que comporta indústrias, linhas de produto, jogadas de marketing e espaços na mídia. (DEL PRIORE, 2000; 15)

As falas das informantes apontam que a roupa é o instrumento principal para o equilíbrio entre ser velha e não ser feia.

Águia

O corpo da gente vai mudando. Eu não tenho vergonha do meu corpo não. Acho até que ele está ótimo. Só não posso usar todo tipo de roupa, não quero parecer ridícula, tenho barriga, então não me permito mais blusinhas coladas, então apelo pras batinhas que disfarçam. Tive cinco filhos, tenho que ter bom senso né? Meu corpo é muito bom, mas já tem coisas pra esconder. Não uso mini saia apesar de não ter varizes nem celulite. Mas não quero ser chamada de ridícula.

Primavera

Ser velha é uma coisa que ninguém quer por motivos óbvios. A velhice é um momento onde um monte de coisa começa a fazer falta, mas é também um momento bom pra quem sabe viver e ser feliz com o que tem. Se você ficar sonhando com o que nunca mais vai ter não vai ser feliz mesmo. Eu já fiz tanta coisa depois que envelheci. Acho que vivi mais depois dos setenta do que estes setenta antes vividos. Velhice é vida ainda por trás de uma cortina de fumaça que não deixa as pessoas verem que as doenças podem ser trabalhadas.

Liberdade cheia de amarras. Estão elas obrigadas a se colocar a serviço do próprio corpo. Quando definem velhice o fazem a partir do que seus corpos podem ou não fazer. E ao mesmo

tempo falam que velhice é sinônimo de liberdade e esta tem um sabor de felicidade antes não conhecida. Antes quem controlava tudo era o marido, hoje o algoz não tem rosto por que está em todos os lugares, nas novelas, nas ruas, nas academias, nos *outdoor*, mas principalmente no olhar das outras pessoas que sempre se lembram de chamá-las de “vó”, de perguntar se não querem um lugar para sentar, ou mesmo quando buscam nas lojas roupas que se adéqüem a elas e ouvem: “sinto muito não tempos roupas para o seu tipo. Você já procurou na loja X?” Esta foi a fala de uma vendedora, de uma determinada loja de roupas femininas, quando Sabiá perguntou se não tinha vestidos de seda ou viscose. O estereótipo da velhice bate à porta entrando sem pedir licença através de seu corpo, atravessando suas entranhas e fazendo-a baixar a cabeça conforme relatou e sair da loja se perguntando: “*mas qual é o meu tipo? O que ela quis dizer com isso?*” Sua frustração foi tão grande que não se permitiu mais naquele mesmo dia continuar as compras. Deixou para ir à loja do “seu tipo” outro dia quando descobriu através de umas amigas que uma loja só vende roupas “elegantes, caras, para gordinhas”. Ao narrar esta situação Sabiá disse ter superado a tristeza que sentiu devido à frase da vendedora. E conta: “*foi até bom ela ter dito isso por que percebi o quanto tava gorda e horrorosa, aí falei com meu personal que vende produtos da herbalife e ele passou a controlar minha alimentação, hoje to com quinze quilos a menos do que naquele dia, e olhe como estou bem melhor*”. O relato dessa mulher traz embutida a violência simbólica das sociedades atuais em relação aos corpos fora dos padrões de beleza. Ela conta esse fato e mostra fotos da época em que fora “destratada” na loja e concorda com a vendedora que de fato ela “era um tipo” que não deveria estar ali.

Del Priore (2000) relata que no século XVI as mulheres disfarçavam tudo que era considerado feio e fora dos padrões de beleza da época com o uso de pós, espartilhos, perucas, tecidos volumosos, mas o que se percebe é que quinhentos anos depois pouco mudou. Além dos pós temos os tantos cosméticos com a promessa de reconstituir a pele de modo que se aparente ter

menos idade e assim mágica acontece! “*Como sou feliz quando alguém diz que tenho menos idade*”. Diz Primavera ao contar que sempre lhe dão menos idade do que o que ela tem de fato.

A mudança de vestimenta é também, senão a mais importante estratégia a que se recorre para disfarçar o corpo com oitenta anos. O jogo entre roupa e corpo sempre definiu comportamentos. Os relatos destas mulheres mostram como uma coisa está atrelada a outra. Quando elas dizem que prestam bastante atenção para não se comportarem de forma indecorosa, tomam cuidado com as roupas, ou que estas cada vez mais escondem menos ou que não usam roupas que as deixem mais jovens para não parecerem “viúvas alegres” estão postas aí as regras do jogo. “Em todas as latitudes, o jogo entre roupa e corpo foi sempre uma constante. Suas várias funções condicionam as formas que implicam em comportamentos, em posturas, em gestos que, por sua vez, influenciam essas mesmas formas e sua função.” (DEL PRIORE, 2000, 31). Assim a roupa terá a grande missão de corrigir fragilidades e mais que isso de adequá-las ao grupo social. Por que se é importante não deixar que escape a velhice por uma alça de blusa, ainda mais importante é que o corpo também não deixe passar a idéia de um corpo imoral.

Disfarçam o que é fisicamente impróprio de aparecer (gordura, celulite, peito e bumbum flácido) e por outro lado exaltam a necessidade de ser um corpo que deve se comportar. Sabiá, por exemplo, deixou de ser amiga de uma outra dançarina por esta ter se envolvido com um dançarino. Quando perguntei como ela soube do envolvimento ela esclarece: “*ora, o jeito que ela se vestia e jogava o corpo dela pra cima do dele só pode ser isso, se você vir vai me dar razão, ali não é só negócio, tem outras coisas no meio*.”

A informante me conta que a amiga nunca confirmou a relação amorosa, mas Sabiá tinha certeza a partir do comportamento da outra. O corpo da outra dançarina informou que elas não poderiam ser amigas. O corpo é o lócus da comunicação como disse Ana Lúcia de Castro em *Culto ao corpo e sociedade* (2007).

Assim as roupas “falam” sobre quem são nos almoços em família, na praia, no sítio para receber os amigos, no apartamento para me receber , mas principalmente nos bailes da terceira idade. Elas constroem em seu corpo a imagem moral que querem passar. As técnicas do vestuário, da maquiagem, das cintas e dos enchimentos as enquadram num padrão de velhice “não relaxada”, ainda em forma e mais importante que isso, numa categoria de “velhas sérias” no sentido moral.

Castro (2007) se utiliza da teoria de Marcel Mauss e diz:

(...) ampliando as idéias seminais do antropólogo francês, podemos pensar o vestir como um tipo de técnica corporal, uma vez que envolve práticas socialmente constituídas e aprendidas, porém executadas pelos indivíduos em busca de “construir seu corpo”, ao evidenciar ou omitir uma de suas partes e torná-lo o mais aceitável/adequado ou agressivo/transgressor (no caso da anti-moda, contestadora) possível. Em resumo, o ato de vestir-se realiza-se dentro das limitações de uma cultura e suas normas, em busca de satisfazer as expectativas com relação ao que se aceita como um “corpo vestido”. (CASTRO, 2007; 14)

As formas de vestir o corpo dizem quem elas são. Este é o modo que elas entendem expressar sua velhice da melhor maneira possível. Para ser aceita como uma mulher velha e séria é preciso usar o corpo com comedimentos. A coerção é sentida por elas como “natural” e deve ser seguida. Elas sentem que elas mesmas criam e se orientam por essas regras. Essas mulheres com trajetórias de vida marcadas pela dominação masculina e ao se vestirem de modo a não revelarem as marcas que a velhice imprime ao corpo, estão tentando amenizar o estigma. Por outro lado quando o vestem “como tem de ser” estão obedecendo à regras morais que dizem que “mulheres velhas” não são mulheres, são apenas “velhas”. Não pode haver, portanto insinuações de sedução erótica com o uso de roupas decotadas ou coladas, o batom vermelho... Neste ponto elas arrematam dizendo que não precisam ser belas por que não pretendem mais se casar. Seus corpos que lhes pertence e que se

não são mais belos como elas mesmas dizem, não precisam desta beleza por que sua vida amorosa está finda. Suas falas querem dizer que ao morrer o marido, morreu também a chance de um novo relacionamento, e o tempo tornou as coisas piores, levando a beleza e corpo jovem. Elas reafirmam o estereótipo da feiúra associada à velhice e o seu contrário: beleza associada à juventude especialmente de jovens que ainda pretendem casar.

Beleza associada a casamento

Um dos pontos relevantes nas falas reproduzidas é o fato de que as informantes associam a necessidade de ser bela à necessidade de ter marido. Sentem-se livres da obrigação de ser bonita por que já não precisam casar. A beleza é um fardo do qual elas estariam livres.

Primavera

Uma mulher velha não pode ser chamada de bonita, por que hoje boniteza se confunde com aqueles manequins ociosos da vitrine. Essa é a beleza que conta então não vou bancar a ridícula né? Também não ligo pra isso não por que já casei não quero casar de novo e tô bem sozinha. Ao invés de me preocupar com besteira de beleza eu me preocupo mais é com o que eu posso deixar passar assim, do povo achar que eu sou libertina, por que eu não sou, eu sou livre o que é diferente. Quando me vêem dançando o povo pode até pensar bobagem, mas ele é um neto pra mim, então danço bem comportada. A velhice te faz livre, mas você não pode abusar.

Mirian Goldenberg em *O corpo como capital* (2010; 16) explica que numa sociedade como a brasileira o corpo é um importante capital e o envelhecimento pode ser vivenciado como momento de grandes perdas (capital). A autora explica que em nossa sociedade é importante “ter um homem para chamar de seu” e isso se consegue a partir de um corpo jovem e belo. “Na atual sociedade de consumo, especializada em vender não apenas coisas, mas principalmente modelos de beleza, sucesso profissional, casamento, entre outros, defende-se os investimentos no corpo como garantia de ganhos nesses diferentes campos” (GOLDENBERG, 2010, 26). Minhas

informantes também investem em seus corpos, mas não mais para conseguir casar, e sim para conseguir dançar. Consideram que casamento é um assunto encerrado por isso a impossibilidade de terem corpos jovens e belos as afeta, mas elas se conformam. É como se ser bela só valesse a pena quando se pretende ter “um homem pra ser seu”. Até mesmo a informante casada pensa na beleza associada ao casamento que por ser estável não precisa mais dessa dimensão estética de seu corpo.

Andorinha

Não se sentir bonita dói um pouco, mas sou casada, meu casamento é absolutamente estável. Minha filha tem trinta anos e já casou e já se separou. Ela diz assim: mamãe queria ter um casamento tão bom quanto o seu. Nem sempre ser jovem é vantagem, né? Eu só presto bastante atenção para não parecer aquelas velhas que não admitem ser velhas e acabam se comportando de forma indecorosa. Por isso tomo muito cuidado com as roupas e ... e assim... com os modos de se comportar né? Mas não vou me amargurar por que não sou mais bonita...até por que meu marido também já mudou muito. Então não tô mais a caça. Tá bom assim.

É preciso ter alguém, na visão destas mulheres, para conquistar para se valorizar a própria beleza.

Bem-te-vi

Beleza e sensualidade para mim não significam mais nada. Não preciso destas coisas mais não. Tem umas velhas enxeridas por aí que ainda querem se juntar, namorar, aí usam botox, e disfarçam daqui tentando parecer meninas, mas tem jeito não. Tem de se conformar que tem tempo pra tudo e o de casar e ser cortejada já passou. Beleza é coisa do passado.

Beija-flor

Tem de se vestir como uma dama, e não como quem vai pra cama. Chega rimou. (gargalhada). Não adianta mais querer ser bonita, o máximo que você ainda consegue é ser elegante, mas para isso deve vestir a coisa certa para não ficar extravagante. E pra que esse negócio de ser bonita? Isso é pra quem é jovem que tem que fregar alguém para casar. Eu lá quero mais negócio de homem na minha vida não, inda mais agora que a gente é quem paga, quero nada.

Isso significa que a beleza é pensada para o homem. Georges Duby e Michele Perrot em *Imagens da Mulher* (1992) mostram que até data recente as mulheres não representavam a si próprias. “Eram representadas. Indubitavelmente, no meio dos pintores, dos escultores, dos decoradores, surgiram em todas as épocas algumas mulheres. Mas de uma maneira geral, no que respeita a criação de imagens, as mulheres ficaram reduzidas a uma posição marginal”. (1992;14). Outro ponto a se considerar fundamental para entender essa submissão é o fato de que estas mulheres foram socializadas pensando no homem como príncipe e no casamento a partir do amor. Lipovetsky na obra *A terceira Mulher* (2000) diz que para as mulheres do século XIX e até meados do século XX o amor significava a existência de suas vidas enquanto para o homem era somente mais uma ocupação. O autor ainda explica que neste mesmo período o amor era idólatra e significava a “abolição de si no outro, a total dependência em relação ao amado, a necessidade de amar sem limite no devotamento absoluto.” (2000; p. 23)

Essa não representação da imagem de si, nada mais é que uma abolição da própria imagem em prol do que o marido esperava delas e contribui para o fato de que as mulheres em estudo terminem por legitimar o poder do homem sobre elas sem que percebam que quando dizem **“não sou mais bonita, mas não preciso disso por que não vou mais me casar”** estão na verdade dizendo que dedicam sua beleza ao outro, esse outro que define até quando elas devem ser bonitas. Parece irônico que depois de tanta luta pela emancipação feminina ainda tenhamos mulheres submetendo-se a esses ditames.

Essa afirmação dos autores nos leva a pensar na imagem que se pensa para a mulher hoje. Como coloca Goldemberg (1992) as imagens que se exigem das mulheres hoje ainda são pensadas pelos homens.

A velhice feminina que se revela nos tempos atuais causa surpresa, pois não está dentro do padrão de velhice da “mulher velha”. E elas mesmas sabem disto tentando amenizar o que “vão pensar delas” evitando roupas sensuais, pois se acreditam

velhas e o dançar em si já é uma transgressão, daí se proibirem, por exemplo, a paixão, a sensualidade, pois, estas são condições proibidas à mulher velha. Elas vivem numa linha tênue entre transgredir os padrões e concordar com as regras, a que chamo de **dialogar**. A informante que diz: “você pode dialogar com a velhice e adiar” acaba por traduzir numa única palavra o que todas as outras vêm fazendo, caminhando entre regras que ora são aceitas ora são quebradas. O que desencadeia a obediência, já que elas falam tanto de liberdade, como ainda sentir-se livre dentro desse rigor?

O fato é que somente a trajetória da vida das mulheres pode explicar por que elas continuam, em alguns aspectos, submissas a uma ordem de “alguém” que já não está mais presente, isso no caso das viúvas e daquela que é separada, mas o mesmo se aplica para a casada que diz não precisar se preocupar com beleza por que já casou. Lipovetsky (2000) diz que na modernidade, época em que a individualidade se manifesta de forma mais expressiva, a mulher terá uma relação diferente quanto à paixão e ao romance. De acordo com este autor atualmente ainda há a continuidade da lógica milenar de renunciar a si mesmo pelo outro, mas há também a abertura de um novo caminho que é o do reconhecimento da autonomia feminina, à posse de si. “O culto feminino do amor deve ser interpretado como um impulso dos valores modernos, fiel, porém, à lógica da divisão tradicional dos sexos.” (2000; p. 47). Entre tradições e liberações elas equilibram essas ordens sociais.

Goldenberg e Toscano (1992) nos mostram que do início do século XX até a metade dele as mulheres eram vistas como criaturas que Deus pusera no mundo para servir ao homem.

A visão androcêntrica é exatamente essa: tanto na lei quanto na moral e nos costumes, ela tem como paradigma modelos masculinos. O código civil brasileiro, de 1917, reservava à mulher casada um estatuto de **total submissão à autoridade marital**, que lhe proibia, por exemplo, ter conta bancária em seu próprio nome ou ter qualquer vínculo de emprego sem autorização do marido. (1992,26) Grifo meu.

O código citado pelas autoras data de 1917, e em 1916 nascera a mais velha das mulheres desse estudo e isso significa que as mães das informantes vivenciaram e aprenderam a ser mulheres a partir de costumes que seguiam códigos como este e evidentemente repassaram para as filhas, os modos de se tornar mulher aprendidos dentro deste contexto masculino dominante. Códigos como estes eram pensados pelos homens, os homens da época que compreendiam as mulheres como o sustentáculo da família. Goldenberg e Toscano dão vários exemplos de como os homens da época pensavam:

Estender o voto à mulher é uma idéia imoral e anárquica, porque no dia em que for convertido em lei, ficará decretada a dissolução da família brasileira. A concorrência dos sexos nas relações da vida ativa anula os laços sagrados da família. (discurso do senador Muniz Freire, in Anais da Câmara dos Deputados, vol. II, p. 233).(1992; 27)

As autoras trazem à tona o discurso dominante que cercou e cerceou as vontades das mulheres desta época, entre as quais, as mães e as avós das informantes desta pesquisa que serão as mais influentes personagens na configuração desse olhar voltado para a constituição dos desejos masculinos, estando incluso aí o quanto, o quando se pode ser bela.

Na mesma obra as autoras mostram que somente com as ações do movimento feminista que começaram a questionar a situação da mulher, muitas barbaridades vividas pelas mulheres da época vieram à tona, já que antes inexistia consciência de que estavam sendo subjugadas, humilhadas etc. (GOLDENBERG & TOSCANO, 1992).

Em plena década de oitenta do século passado, ou seja, há trinta anos, mulheres mandavam cartas para as feministas responsáveis pelo programa TV Mulher transmitido pela Rede Globo, de 1980 a 1986, questionando se de fato era verdade que elas não precisavam colocar os pés dos maridos em água morna quando estes chegassem do trabalho, perguntavam se realmente elas podiam sentar à mesa com ele, e não apenas servi-los. Uma cultura androcêntrica posta e definida como certa produzia

mulheres convencidas que seu único direito era cumprir o dever de esposa. Daí ainda hoje, ser possível ouvir frases como aquelas pronunciadas por algumas das informantes desta pesquisa: **“eu não preciso mais chamar atenção, não pretendo me casar”** ou **“beleza e sensualidade para mim não significam mais nada”**. Uma das informantes conta que quando tinha vinte e quatro anos, depois de ter dado a luz a cinco filhos, resolveu fazer ligação de trompas e o médico depois de perguntar três vezes se ela estava certa do que estava fazendo, resolveu confirmar com o marido e o pai dela e quando estes disseram que sim - **“ela pode fazer a ligação”**, o médico os fez assinar um termo de responsabilidade, pois **“não queria ser responsabilizado por ela estar acabando com a vida dela”**. Como uma mulher pode acreditar poder ser bela para ela mesma quando ela simplesmente não aprendeu que seu corpo lhe pertencia? Estas mulheres foram socializadas num meio de submissão onde inclusive o discurso médico confirma a redução da mulher a procriar, quando este diz que ela acabaria com a vida fazendo uma ligação de trompas aos vinte quatro anos, resumiu a vida dela à tarefa da reprodução.

Goldenberg e Toscano mostram que “O desejo feminino não existia, e quando existia, devia ser reprimido e isso aponta para a questão das emoções sendo vistas como permitidas dentro de um determinado contexto. A mulher “fogosa” sexualmente ativa e exigente era confundida com a “mulher da rua”, a prostituta. A mulher de casa deveria ser santa, ou melhor, assexuada”. É do estereótipo de “mulher da rua”, agora na velhice chamado de “viúva alegre” que estas mulheres fogem. Seus desejos não podem aparecer por que não lhes é permitido sentir tesão, paixão a não ser pelo marido, isso tem uma forte relação também com a religião católica por elas seguidas. Em História da Sexualidade – A vontade de saber, Michel Foucault explica que o desejo deve ser confessado para que seja analisado, julgado e interditado.

Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer do seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso. (...). A pastoral cristã inscreveu, como

dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras e torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil. (1988, 24)

A pastoral cristã que interdita, censura e controla o desejo das pessoas, certamente foi exercida sobre as mulheres pesquisadas todas elas educadas no rigor moral dos colégios religiosos nos quais todas elas estudaram. Então o que se tem é a interdição e o silêncio sobre o desejo!

Essa mulher do início do século passado, sem direito a sentir prazer, que deve se conter, que tem de ter o cuidado para não ser difamada é a mulher que hoje está na faixa etária entre sessenta e noventa anos e que além de legitimar a beleza como algo possível somente aos jovens, ainda confirma que esta mesma beleza só teria utilidade se ainda fosse casar. A velhice é considerada como um momento do qual a beleza não faz parte e a sensualidade é julgada desnecessária e perigosa. Essa postura é resultado de toda uma trajetória de dominação vivida por mulheres relegadas ao papel de mãe e esposa tendo esses papéis como o centro de suas vidas. Como pode ser percebido em seus relatos a velhice é associada à liberdade por não terem de cuidar mais da vida de ninguém o que revela o quanto se submeteram e se anularam em prol da felicidade da família durante a maior parte de suas vidas. O significado da velhice como liberdade, entretanto não as libera dos jargões de comedimento, cuidado com o que os outros vão falar porque, mesmo estando numa sociedade que nega a “feminilidade” à mulher velha, ainda assim delas são cobrados comportamentos adequados a sua idade. As informantes ocupam o papel social de avó e isso as leva a observarem a velhice ainda com mais rigor. Os sentimentos em relação à velhice feminina são atravessados também pelas obrigações de avó.

O caminho do meio: entre a autonomia e a submissão

É tendencioso considerar que as mulheres nascidas nas primeiras décadas do século XX eram mulheres submissas e que sempre se anularam. As histórias de vida das dançarinas as colocam numa posição que nem é a de mulher dominadora somente, nem de subordinada, mas de uma combinação feita por cada uma delas de acordo com os espaços e as situações vivenciadas. As representações sociais das informantes sobre ser mulher, avó, esposa e sobre o que é ser homem apontam para reminiscências de submissões consideradas naturais ou de sofrimento re-significado.

“Ser homem é poder tudo meu bem. É chegar quase de manhã, bêbado, fedendo a perfume de mulher e ainda querer fazer sexo com você e você faz”. Mulher então só obedece. (Águia, 68 anos)

“É ter poder certo? Você pinta e borda e ninguém diz nada. Ah se eu pudesse ser assim! Teria feito muita coisa, mas quando se é mulher cê sabe né? Nada pode. (Chorozinho, 92 anos)

Ser o cara! Não é assim que dizem boje? Pois eles sempre foram, não é de boje não. Acho que antes eram mais que boje. Sempre mandaram e desmandaram em tudo e em todos. Inclusive na gente. É assim mesmo, mulher sempre é mandada e não pode reclamar. (Primavera, 81 anos)

“Ser homem é o oposto de ser mulher. Tudo com ele é exatamente o contrário. Ele pode tudo e a gente pode nada. Só parir”. (Beija-flor, 68 anos)

“Ah, ser homem é poder subir em árvore, jogar bola, soltar arraia e ninguém te amarrar no tronco da árvore por isso. Eu adorava brincar com estas coisas, mas quando minha mãe via, eu ficava de castigo por que isso era coisa de menino. Já se viu? Aos meninos tudo, às mulheres só fogão e menino pra criar.” (Jaçanã, 72 anos)

Outros discursos mostram posições de controle mesmo para aquelas que eram donas de casa sem renda própria.

“Eu sempre fui a chefe da família, ninguém decidia nada sem mim. Até mesmo meu marido procurava saber se poderia comprar isso ou aquilo,

por que o dinheiro era na minha mão. As meninas conversavam comigo sobre que curso iam fazer e tudo. Até hoje vem neto aqui me pedir opinião. Eu era calma e na calma mantinha tudo sob controle". (Bem-te-vi, 68 anos)

"Eu gosto de dizer que eu me faço de mansa pra melhor passar. Na verdade eu cumpria todas as ordens, mas estava por trás de todas as decisões de casa. É um jogo, tem que saber fazer-se de manso pra poder dar certo. Ainda hoje decido muita coisa se deixarem." (Chorozinho, 92 anos)

Estas falas são representativas das demais e comparando os dois tipos de discursos fica claro que essas mulheres têm trajetórias de vida que podem explicar suas posturas atuais. Sempre tiveram o hábito de decidir, de controlar a vida da família ao mesmo tempo em que sempre cederam muito de suas vontades para não enfrentar conflitos. Por isso o modelo simplista de ser avó boa, cuidadosa, que se anula frente à vontade dos netos e dos filhos não lhes cai bem. Esse modelo tradicional de avó não lhes serve. Lins de Barros (1987) explica que é possível ser avó de maneira particular a partir de um modelo comum. "Por causa de um modelo comum. Definidor dos papéis de gênero, de pai, mãe, filhos, avós e netos, existem as variações nas quais estão opostas as colorações particulares dessas tendências". (BARROS;1987; 36)

Barros (1987) ajuda a compreender o que acontece com o grupo estudado nessa pesquisa: formaram-se avós a partir de outra significação do que é ser avó. Deram um significado particular a esse papel. O papel de avó pensado como natural não dá conta dessas posturas intersticiais. Há assim no contexto de suas vidas uma "desnaturalização" do papel tradicional de "vovozinha" para dar lugar a outras formas de ser avó que não exclui a dança, por exemplo. Quando falo do natural e do cultural refiro-me ao fato de que à mulher é associada à natureza e o homem à cultura. Isso por que:

Ainda sobre a questão da diferenciação entre natureza e cultura, pode-se verificar nos estudos de Ortner, que quanto mais os homens são definidos em relação as suas conquistas

no mundo público, mais eles passam a ser participantes, por excelência, desse mundo, e a ter mais experiências humanas feitas pelos homens. Isto é, vivência no mundo da “cultura”, sendo que as mulheres dirigem a vida para outro lado, para atividades que parecem ser irrelevantes. Sua posição é derivada de suas funções biológicas. E, ainda, as mulheres envolvem-se mais que os homens nos materiais “sujos” e perigosos da vida, dando a luz e lamentando a morte, alimentando, cozinhando, desfazendo-se, das fezes e equivalentes. Essas oposições encontradas em sistemas culturais vão dar ao homem, em última análise, o significado de “cultura”, uma vez que a ele é atribuído tudo que é construído, valorizado, ordenado, e a mulher como é definida através de símbolos que reforça suas funções sociais e biológicas, passa a significar “natureza” e, frequentemente, desordem. (LEITE; 2004; 46/47)

No trabalho de Leite (2004) é percebida a construção social do papel da avó protetora e controladora. Esse papel é construído e legitimado pelas avós, filhas e netas que num repasse de códigos simbólicos de uma geração para outra sempre vão aprendendo como deverão se comportar quando forem avós também. Essa construção do papel da avó como mostrado na citação acima tem uma relação direta com as funções biológicas como suporte de sua trajetória como mulher. Então sempre associadas à sua “natureza” às mulheres resta aceitarem os papéis que lhes dão? Quanto às mulheres aqui estudadas há uma negociação entre aceitar a designação sócio-biológica de mulher-avó e/ou incorporar novas formas de velhice que emergem na sociedade atual, novas vivências de velhice que implicam em outras representações diferentes do que é ser mulher avó. A definição que tem de velhice se relaciona especialmente com a “desresponsabilização” e segundo elas apesar das perdas físicas, na velhice tem se muito a fazer, entretanto esses afazeres tem a ver com realizações pessoais. A avó agora vive num corpo velho e livre.

A “saída da gaiola”: eu, eu mesma e eu e minha família.

Para Michel Foucault em *História da Sexualidade – a vontade de saber* (1993), à família compete vigiar continuamente e fundar a concepção de sexo contrário à devassidão, à imoralidade definindo o sexo lícito e o ilícito. Compartilho do pensamento de Foucault quando observo que as dançarinas romperam amarras tradicionais, modificaram outras, mas o apoio da família lhes foi necessário. A família precisou endossar a decisão delas.

Alda da Motta explica no dossiê Gênero, Idades e Gerações (2004, 351) que as gerações convivem entre si dentro da mesma família, ou seja, elas não se substituem. Segundo a autora podem existir até quatro ou cinco gerações convivendo no seio da mesma família. Desvendar os fios que amarram o “novo mundo” da velhice tão admirável ao “velho mundo” da velhice ainda tão respeitado pelos sujeitos ditos velhos significa entender como se dão as relações entre as gerações dentro das estruturas de famílias contemporâneas.

As mulheres desse estudo têm suas famílias como ponto de partida, concomitante aos seus projetos de autonomia, pouco fazem sem o apoio familiar. Dizem-se independentes, mas se desgastaram com as amarras que tiveram de quebrar. Essa autonomia foi em algum momento possibilitada mesmo se contrapondo às amarras tradicionais.

Entre contradições e confirmações, as oito mulheres incluídas nesta pesquisa assumem terem precisado ouvir a confirmação dos filhos de que estavam fazendo a coisa certa. No caso de seis delas houve uma total concordância e apoio, mas outras duas foram contra a vontade dos filhos que posteriormente vieram a aceitar ainda com relutância.

Como explicitado anteriormente, um dos eixos temáticos desta pesquisa discute as novas formas de viver a velhice e para esse entendimento é necessário relacionar esses novos modos de envelhecer às mudanças no interior do grupo familiar. Meu propósito é entender porque estas mulheres destacam com tanta ênfase a felicidade e o prazer na dança e ainda permanecem

presas a moldes tradicionais que as leva a precisar da autorização dos filhos para decidir entrar na academia e principalmente pagar um dançarino para lhes acompanhar para um baile que adentra pelas madrugadas. Nesse aspecto a pesquisa revelou que o encontro entre as gerações certamente muito influencia nas decisões e projetos de autonomia das mulheres estudadas, posto que no interior dos grupos geracionais ou de idade se constroem representações sociais e identidades que vão se confrontar com outros grupos ou categorias sociais. (MOTTA, 2004: 353)

A pergunta que norteia esse tópico, portanto é: como estas mulheres vêm administrando seus projetos individuais no interior de seus grupos familiares? A resposta a esta pergunta ilumina o entendimento sobre as mudanças nos modos de sentir e viver a velhice.

Parto de uma afirmação comum às oito mulheres para entender como elas negociam suas práticas de si dentro das relações familiares: **“realização para mim é ver minha família toda em paz, bem sucedida e com saúde”**. As mulheres sentem-se realizadas a partir de suas famílias e este é um comportamento tradicional delegado à mulher avó ao mesmo tempo exercem outro papel que é o de ser dançarina nas noites de sábado pagando um homem para dançar com elas. Cabe entender como se constitui a família contemporânea.

De acordo com Maria Lúcia Coutinho em seu artigo *Transmissão Geracional e Família na Contemporaneidade*:

A família, portanto, não deve ser entendida apenas como um conjunto de pessoas unidas por laços de consangüinidade ou dependência, mas como uma unidade composta por indivíduos de sexo, idade e posição social distintos que cotidianamente vivem um jogo de poder que se cristaliza na distribuição dos direitos e deveres a cada um de seus membros. Ela tem uma dinâmica própria que não pode ser entendida como simples soma dos indivíduos que a compõem. (2006;96)

A partir dessa citação compreende-se que a relação entre as mulheres estudadas e sua família não necessariamente é de

obediência somente, mas de negociações que acontecem no viver cotidiano. Suas formas de depender da família e da opinião dos filhos e netos antes de ser uma obediência tácita, é uma forma de se afirmar entre os seus, de modo a ser quem são e terem ainda o amor e o respeito dos que amam.

Ainda de acordo com Coutinho (2006) a família deve ser entendida dentro de um contexto que a circunda não podendo ser analisada fora do tempo histórico da qual faz parte ressaltando que: “Por estar carregada de ideologia da sociedade na qual se encontra, constitui importante ponto de referência para a construção de identidades sociais.” (97)

De acordo com esta autora as transformações na esfera social acabam por produzir conseqüências importantes na estrutura familiar. Os modelos de famílias tradicionais, portanto não podem dar conta do universo de relações atualmente existentes na sociedade mostrando que o formato familiar não pode mais ser visto dentro de moldes patriarcais como de um modo geral se tem trabalhado. Ceneide Maria de Oliveira Cervený (2000) em sua obra *A Família como Modelo* destaca que durante muito tempo a família brasileira era sinônimo de família patriarcal, mas segundo a autora no século XIX esta definição já não poderia explicar os diversos tipos de famílias existentes. A autora define família como sendo: “(...) um grupo social, bem como uma rede de relações. Funda-se na genealogia e nos elos jurídicos, mas também se faz na convivência social intensa e longa.” (2000; 21)

A definição de Cervený (2000) quando se refere à família como um grupo social que se funda também nas relações sociais de convivência remete à convivência observada nas relações de sociabilidade das mulheres estudadas tanto com seus parentes consangüíneos, tais como irmãos, filhos e netos, quanto com os parentes por afinidade, tais como “afilhadas” que na verdade são as moças que executam o serviço doméstico, e os “netos postiços” que são os dançarinos. O conceito de família do grupo analisado se estende além dos laços de sangue. Não raramente pude observar nos eventos de lazer em seus sítios ou casas de praia que estes “parentes” de extra-consanguinidade também são

vistos como parentes pelos demais membros da família. Chegam a se tratar por “meu primo” ou “meu sobrinho”. O grupo pesquisado traz para o interior da família aqueles a quem ela escolhe como um novo membro e a família de origem aceita sem uma relação de conflito.

Uma família tradicional no modelo patriarcal não aceitaria que uma mulher que fosse avó, tivesse tamanha autonomia. Esse fato somente pode ser entendido se considerarmos que no interior da família contemporânea ocorreram muitas mudanças. Entre estas mudanças está o fato das mulheres terem se inserido no mercado de trabalho, conciliando atividade profissional com a responsabilidade familiar. De acordo François De Singly na obra *Sociologia da Família Contemporânea* (2007) este é um dos elementos mobilizadores das mudanças ocorridas nos formatos familiares. (p.11)

Minha pesquisa mostrou resultados semelhantes aos da pesquisa desenvolvida por Cachione (2005) sobre os benefícios das atividades criadas pela Universidade da Terceira Idade na França. Entre estes benefícios está o fato de que o indivíduo que participa das atividades de lazer postas no mercado acaba por ter sua imagem positivada pelos familiares. As oito mulheres são vistas por seus familiares numa posição muito positiva. Como elas mesmas colocam, “não sou peso”. E esta postura de ‘não dar trabalho’ elas associam ao fato de serem independentes. O fato é que nos últimos dez anos elas têm encontrado motivação para serem senhoras de si. Há dez anos executam atividades que investem em sua autonomia. Salvo Chorozinho (91), Primavera (82) e Sabiá (82), as demais começaram a dançar, pouco tempo depois de terem entrando na faixa etária dos sessenta anos. A partir desta mudança de comportamento seus relacionamentos com seus familiares também sofreram alterações. Não posso afirmar que sem essas atividades de lazer e estes espaços específicos para divertimento deste segmento etário, estas mulheres se comportariam dentro dos padrões tradicionais, dependentes, carentes, solitárias, resumidas a serem avós. Contudo, não se pode dizer que suas formas de ser hoje, são

independentes dos novos modos de envelhecer. Elas estão neste meio e são induzidas por ele. Podem por na balança o que gostam ou não, o que podem fazer ou não, mas não deixaram nem deixam passar a oportunidade de serem vistas de maneira diferente. Tem lhes feito bem o fato de poderem decidir, pagando alguém para ser seu dançarino. Seus familiares lhes apóiam aceitando o dançarino não só como um profissional, mas como um membro da família.

O fato é que como coloca Singly (2007; 17) as idéias sobre família se modificaram ao longo das décadas acompanhadas paralelamente pelas mudanças demográficas. Elementos como estes servem para que se entenda como e porque as formas de “ser velho” e do “velho” ser visto tem se alterado no seio da família.

Durante as entrevistas, as mulheres informantes por vezes estavam acompanhadas de filhos e/ou netos que demonstravam não somente estarem de acordo com sua postura independente como enfatizavam que isto era importante para elas.

As famílias na contemporaneidade devem ser compreendidas em sua heterogeneidade que comporta membros de diferentes gerações convivendo e coexistindo com outras gerações o que implica em uma mistura de códigos e visões de mundo. (Coutinho; 2006, 101). A posição de filhos e netos em relação a como estas mulheres se comportam revela representações acerca do ser velho bem diferentes das existente no início do século passado.

A identidade do velho que não é homogênea, repercute no comportamento heterogêneo que tem as mulheres estudadas ao combinarem posturas tradicionais dos modos de ser avó com atitudes cujos netos definem como “*a vovó é irada*”. A gíria em questão significa que a avó é “moderna e diferente” do que se convencionou chamar de avó.

A partir dos pontos de vista destes autores e da relação trabalhada pelo grupo estudado e seus familiares percebe-se que por trás destes papéis sociais executados no interior das famílias há uma negociação das “práticas de si” e das “práticas de nós”.

Ser autônoma significa para estas mulheres, não ser um “peso”, não ser “cuidada”, não ser um “fardo”, ou seja, “serem produtivas” (não no sentido econômico do termo), mas terem corpos produtivos do ponto de vista social que significa agir e não dar trabalho. Usando os termos de Foucault em *Vigiar e Punir* (2008), corpos produtivos são corpos úteis ao sistema. Nesta obra o autor mostra o aparecimento de instituições tais como a família que serviam como instrumento de coerção, seja discursiva (enquanto saber), seja extra-discursiva (enquanto prática social). Foucault ao analisar as prisões observa que em torno desta como instituição se ergue um regime de verdade, um saber, técnicas, discurso e o poder de punir.

A família contemporânea já não encara o velho como antes, ou não o quer mais como o “velho” de antigamente. O medo que estas mulheres tem de ser um “fardo” também dever ser lido como uma “nova coerção familiar”. Não seja “um peso, um fardo” é a ordem do momento, principalmente para determinados segmentos abastados. Nesse sentido sou levada a compartilhar mais uma vez do pensamento de Foucault que explica que “há uma economia política do corpo” de forma que é o próprio sujeito responsável por disciplinar seu corpo, mantê-lo produtivo. Para Foucault (p. 73 e 74) há uma interiorização do controle do corpo pelo próprio indivíduo.

As dançarinas se orgulham de serem autônomas também porque dão orgulho às suas famílias. Ao dizerem com ênfase na voz: “Moro só por opção”, ou “São eles que moram comigo, não eu com eles” expressam o orgulho de terem a capacidade de viverem sozinhas e decidirem a própria vida. Isto revela a valorização da decisão de ser autônoma. Expressa também o desejo da família de que elas assim o sejam. Esse desejo se expressa nas práticas familiares como um poder que, talvez dissesse Foucault, as invade, marca, suplica e exige-lhes sinais. Desse modo a autonomia destas mulheres ao mesmo tempo que mostra que elas se colocam em primeiro lugar frente à família, também aponta para o fato de que sentem necessidade de serem produtivas tanto no sentido por elas adotados – “não sou fardo”,

quanto no sentido que Foucault menciona: “corpos dóceis que servem ao sistema econômico”. Frente a coerções tão paradoxais: “seja avó” e não “seja fardo”, elas encontraram o caminho do meio – avó dançarina, pois quando a família abastada contemporânea mudou sua perspectiva em relação ao velho, e passou a exigir-lhe uma postura mais ativa isto não significou que este velho, especialmente, a mulher velha fosse ocupar os salões da terceira idade dançando com um homem contratado que ela pode chamar de “seu”.

Coutinho explica que nas sociedades contemporâneas em que mudanças rápidas e constantes vem ocorrendo não se pode pensar numa identidade unificada. “Os sujeitos contemporâneos defrontam-se cotidianamente com uma multiplicidade de modelos possíveis e mutáveis, com os quais pode se identificar, pelo menos provisoriamente”. (2006; 100) Ora avó, ora dançarina. Quem são elas? Velhas ou dançarinas?

Considerações finais

As informantes caminham entre um e outro papel, sem que um exclua o outro, por que de fato não são excludentes. As duas modalidades estão contidas nos mesmos sujeitos. Isso se dá a partir do momento em que elas se dispõem a transgredir a ordem e que suas famílias apóiam sua decisão. Assim sendo poder-se-ia dizer que tal qual no passado elas ainda precisam da tutela familiar, mas de uma forma mais amena de modo que elas também possam dizer quais são as “regras do jogo”. A frase de uma delas pode sintetizar a opinião do grupo em relação a essa combinação de valores: “*Sou avó, mas para carregar menino a tira-colo não sou avó, sou dançarina. Quem pariu Mateus que embale*”.

As dançarinas mostram que amam seus netos e isso se revela inclusive nos momentos das entrevistas em que me apresentaram porta-retratos com fotos dos netos, quartos sempre arrumados para eles, imãs de geladeira com fotos deles, e pastas de arquivos dos mesmos em seus computadores. Ao ver e ouvir sobre o quanto suas famílias significam para elas, notei o quanto esse amor não está abaixo do amor a si e da vontade própria e isso

me levou a perceber que seus laços familiares são fortes e que os fios que amarram as estruturas de suas famílias mantêm-se bem coesos. O que as faz transitar entre o “*ser irada*” e “*ser vovozinha*” é o fato de que como coloca Lins de Barros (2006) a família não enfraqueceu, mas sim, surgiram novos modelos familiares, derivados de vários fenômenos sociais e, sobretudo, derivados das transformações de gênero, que se exprimem através do controle da natalidade, da inserção intensiva da mulher no mercado de trabalho e das mudanças ocorridas na esfera da sexualidade. (p.9/10)

Essas mudanças mostram que há uma relação estreita entre “*ser velha*” e “*ser avó*” dentro de um contexto familiar também inserido numa estrutura social maior que lhe determina modos de ser. De acordo com Lins de Barros na obra *Autoridade e Afeto* (1987, p. 106), no interior do grupo familiar o papel da avó é reelaborado a partir do encontro de diferentes gerações de forma que os modelos familiares tradicionais já não servem mais para explicar tantas mudanças principalmente ao se considerar as transformações de gênero que afetam diretamente o papel da mulher avó dentro de sua família. A autora explica ainda que em sua pesquisa a construção da identidade dos avós é e deve ser entendida dentro da complexidade da família moderna pois esta se baseia no eixo constituído pelas representações de autoridade e afeto pelas diferentes gerações que convivem. O fio condutor proposto por Lins de Barros (1987) revela o papel de autoridade e afeto das avós aqui analisadas. Este nasce sim entre estes dois eixos principalmente quando se considera a situação econômica destas mulheres. No trabalho de Lins de Barros (1987) as avós que trabalham fora e que possuem recursos financeiros suficientes para se manter e/ou manter alguns filhos e/ou netos, tem um papel social familiar baseado na autoridade sobre a família bem como são vistas com muito afeto. A autora explica que isto não se dá sem conflitos:

...o conflito situa-se também no plano da construção da identidade dos avós. Eles enfrentam esse conflito de valores em dois planos: num plano da relação familiar, no momento

em que se deparam com a geração dos filhos, muitas vezes representada como articuladora e portadora das mudanças familiares e, num plano pessoal, quando apreendem valores diferentes e mesmo contrários. (1987; p. 108)

O trabalho de Lins de Barros acima citado revela que o movimento de construção do papel da avó tem uma relação direta com as formas de percepção da velhice hoje. As mudanças nas formas do velho ser visto pela sua própria família ajudam a compreender o comportamento de desconstrução das tessituras tradicionais do envelhecer destas mulheres de segmentos abastados.

Seus olhares acerca do que é ser velha e ser avó chegam a se contradizer. Contradizem-se na medida em que definem ser velha como alguém que tem limitações, mas nem por isso resumem suas vidas ao papel de avó. O olhar que elas têm faz uma estreita relação com o que pensam as demais gerações com as quais elas convivem. Filhas, filhos e netos de um modo geral aceitam e avaliam como positivo o novo estilo adotado por elas. Somente três mulheres falaram de resistência por parte de parentes: Águia e Chorozinho enfrentaram a discordância de suas filhas mais novas. E Primavera teve de lidar com comentários maldosos de um cunhado e um irmão. Então alguns se colocam contra, mas a maioria as apóia de modo que elas sentem que não estão cometendo nenhum erro. É importante que se considere que geração está sendo aqui entendida no sentido definido por Mannheim e retomado por Alda Brito da Motta (2004): “indivíduos que pertencem à mesma geração (...) estão ligados (...) a uma posição comum na dimensão histórica do processo social”. O que significaria uma predisposição para “um certo modo característico de pensamento e experiência e um tipo característico de ação historicamente relevante”.(351)

Esta perspectiva ressalta que cada momento histórico se realiza com a presença de várias gerações, ou seja, as avós estudadas nesta pesquisa compartilham seus modos de ser e ver o mundo com valores e modos de ver diferenciados em relação às gerações que com elas convivem. Assim seus filhos e netos,

bem como gerações outras que dividem o espaço familiar ajudam a construir as formas de se sentir velhos para si e para a família e isto parte inicialmente do conceito do que é ser avó por parte dos membros envolvidos.

Iolanda Lourenço Leite (2004) *Gênero e Representação Social da Velhice* pensa sobre a problemática da construção de realidades a partir de nomeações. A autora faz uma análise da construção do papel social da avó a partir das representações que se tem sobre o envelhecimento da mulher. Sua obra iluminou a análise de como a velhice se constrói subjetiva e coletivamente. Leite (2004) discute a idéia de que a velhice deve ser pensada dentro de seu contexto social, ou seja, dentro de suas diferenças simbólicas. O contexto onde está inserida a família das mulheres analisadas é o das sociedades do consumo, do lazer. Coutinho (2006) explica que:

Nas sociedades contemporâneas em que mudanças rápidas e constantes vem ocorrendo, os sistemas globais de significado e de representação cultural que coexistem com os sistemas locais propagam-se a uma velocidade tão extraordinária que tornam a idéia de uma identidade unificada uma ilusão. Os sujeitos contemporâneos defrontam-se cotidianamente com uma multiplicidade de modelos possíveis e mutáveis, com os quais podem se identificar, pelo menos provisoriamente. P. 100

As mulheres estudadas mostraram que se identificam ainda com padrões de comportamento tradicionais, mas também com o estilo de vida chamado terceira idade, há uma combinação de valores e uma multiplicidade de identidades convivendo. Assim elas ora são as “boas e velhas avós”, ora são as incríveis dançarinas da “terceira idade”. Suas falas revelam alegria em poder resolver seus próprios problemas. Falam com orgulho que não precisam “ser cuidadas” e dizem que isto as faz sentirem-se calmas e felizes e esse sentimento pode ser resumido na frase de Bem-te-vi quando diz: *“ainda posso cuidar de mim...acordo e tenho o dia todo pela frente e ele me pertence, nossa fico tão feliz quando ponho os pés no chão e percebo que ainda posso andar sozinha, dirigir, decidir.”*

“Ser cuidada” para estas mulheres é uma inversão dolorosa de “cuidar”. É o grande temor dos que ficam velhos. As informantes mostraram em seus relatos que os papéis de esposa, mãe e avó implicavam em cuidar dos outros. Como elas falaram suas “agendas eram cheias de coisas dos outros para fazer” e isso lhes dava a certeza de serem “cuidadoras”. Na velhice esse papel pode se inverter e se elas puderem adiar esse momento vão fazê-lo. Por isso é tão importante ainda “decidir e andar sozinha” e associam essa capacidade à felicidade. Poder dançar se conecta diretamente com poder cuidar de si mesma.

Quando falam de felicidade automaticamente lembram da dança e do prazer que sentem ao dançar. A felicidade é um sentimento mutável, com sentidos distintos. “O que faz você feliz? Essa pergunta bem captada num anúncio publicitário de uma rede de supermercados poderia ser respondida por estas mulheres de diferentes formas, ao afirmar que ser feliz é “voar no ritmo do baile”. A realidade destas mulheres velhas baseia-se numa velhice construída entre moldes tradicionais cristalizados e moldes novos que podem se chocar com os antigos.

Nesse sentido aponto que as dançarinas a partir de suas experiências cotidianas trocadas com seus familiares construiriam sua realidade social. Coutinho (2006) explica que a velhice deve ser vista tal como a infância, a adolescência e a maturidade, ou seja, mais que simples fases da vida. “Elas são categorias socialmente construídas que só alcançam seu pleno sentido através de um discurso”. (p.101) Ser avó, portanto não é “natural” tanto quanto a velhice, estas são categorias circunscritas pelas ações dos homens na sociedade. “Ser velho, da mesma forma que ser criança, jovem, ou adulto, está associado aos valores vigentes numa dada sociedade em um tempo determinado, e que são discursivamente elaborados.” (Coutinho, 2006; 101) Pretendo destacar a força das relações sociais na formação do papel social da avó. Compartilho do pensamento de José Carlos Rodrigues em *Tabu do Corpo* (2006) que explica que ao corpo físico e biológico vamos dando

significados e funções que partem das nossas capacidades biológicas, mas as superam.

Rodrigues (2006) mostra que nossa anatomia se engaja com a rede de significados que criamos sobre os corpos. Do mesmo modo que não se espera que um homem seja capaz de carregar um filho no ventre, não se espera dele o afeto e a compreensão tão esperada das mães. Por ter sido mãe, também se espera da mulher avó uma atuação social diferente da do homem-avô. Essa idéia de que ao corpo físico e fisiológico são atribuídos significados que explicam nossos papéis sociais é muito claramente sintetizada por Iolanda Leite (2004):

As expectativas de desempenho no papel de avó são esperadas na família pelo fato de aparecer uma nova posição social para ela no meio familiar. Essas expectativas geram características de padrões emocionais, em virtude da relação particular que os filhos e netos passaram a ter com as avós. Essas expectativas configuram-se em novos significados para elas, agora não só como mães, mas também como avós. (2004; 35)

Essa construção do papel de avó não se dá de repente, começa no papel social de mulher: “A mulher vivendo mais no mundo doméstico, nas décadas passadas, não tinha, geralmente, acesso à autoridade e ao prestígio, prerrogativas, que via de regra, eram atribuídas ao homem”. (2004; 74)

A visão que as informantes tem acerca do que é ser mulher, relaciona-se com comedimento e cuidados para não fazer o que os homens fazem para não se deixar difamar. Em uma frase: *“homem pode tudo e mulher nasceu para ser mãe”*. Obviamente que este significado atribuído a “ser mulher” interfere no que se pensa sobre o papel de “ser avó”. Leite relata analiticamente que as mulheres avós por ela estudadas, foram mulheres de restrita vida pública, mas de muitas atividades no mundo da casa. São mulheres que dominaram o espaço doméstico e esse papel foi esperado, designado e exigido pela família. Trajetória semelhante se pode observar nas mulheres-avós aqui estudadas, bem como a decisão de autonomia tomada por elas também pactuada com a família. E isto altera a vivência desses dois papéis: avó e

dançarina. É entre esses dois papéis que as mulheres estudadas vão situar seu modo de ser, sentir e viver a velhice. Esta é marcada pela cobrança, mas sentida como momento de liberdade e de redescoberta de um corpo que pode bailar. O sentimento de prazer ao rodopiar nos salões nasce do confronto entre o que estas mulheres se autorizam sentir e o que a “moda terceira idade” aponta como obrigatório de ser sentido.

Referências

BARROS, Myrian Lins (org). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Editora FGV. 1998.

BARROS, Myrian Lins. *Autoridade e afeto. Mãe, filhos e netos na família brasileira.* RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar Editor, 1987.

BARROS, Myrian Lins. *Família e Gerações.* Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice.* RIO DE JANEIRO: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

BEAUVOIR, Simone de. *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo.* São Paulo. Difusão Européia do livro. Trad. De Sérgio Milliet. Vol. 1. 1970

BEAUVOIR, Simone de. *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadorias.* RJ, Jorge Zahar Editor.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade.* Trad. Floriano de Souza Fernandes. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1985. Antropologia 5.

BOTH, Agostinho. *Identidade existencial na velhice.* Passo Fundo. UFP, 2000.

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero LTDA. 1983.
- CAMARGO, Luiz Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos.
- CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. RJ, Rocco; 2001.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. 2ª Ed. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.
- CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. *A família como modelo – desconstruindo a patologia*. Campinas. Editora Livro Pleno. 2000.
- CHAMPAGNE, P.; LENOIR, R.; MERLLIÉ, D.; PINTO, L. *Iniciação à prática sociológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp - Fapesp, 2004
- DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. *Cadernos Pagu*. P. 133-155. 2003
- DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN (ORGS.). *Políticas do corpo e curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.
- DEMO, Pedro. *Dialética da felicidade: olhar sociológico pós-moderno*. 2ª Ed. Vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

- ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar Ed.; 1994a.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jungman. RJ; Jorge Zahar Ed; 1994b.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. (Coleção Ditos e Escritos III).
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. A vontade de saber. 9ª Ed. RIO DE JANEIRO: Edições Graal; 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8ª Ed. SP; Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.(Coleção Ditos e Escritos IV).
- FOUCAULT, Michel. *O Poder Psiquiátrico*: curso no Collège de France 1973-1974. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 35ª Ed. Petrópolis: vozes, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA. 2009.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital. Estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 2ª Ed. SÃO PAULO: Estação das letras e cores, 2010.

GRANDO, Beleni Saléte. *Corpo, educação e cultura*. Práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Ed:Unijuí, 2009.

GREINER, Christine. *O corpo*. Pistas para estudos indisciplinados. 3ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. *Infância e Velhice*. São Paulo: Alínea, 2003.

HANNA, Judith Lynne. *Dança, sexo e gênero. Signos de identidade, dominação, desafio e desejo*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

JESUS, Carlinhos. *Vem dançar comigo*. Editora gente. 2005.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

LAHIRE, Bernard. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre; Artmed. 2006.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: Disposições e Variações Individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. *Adens ao corpo*. 2ª ed. Campinas São Paulo; Papirus. 2003.

LEITE, Iolanda Lourenço. *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina; Eduel, 2004.

LEMIESZEK, Dionysia Bonow. *A mulher na história*. Porto Alegre: Sagra luzzato Editores, 1997.

LINS, Daniel. (org). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: SÃO PAULO: Manole, 2005a.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Trad. Armando Braio Ara. Barueri: SP, Manole, 2005b.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. Permanencia e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das letras. 2000.

LUCENA, Maria Inês Ghilardi (org). *Representações do feminino*. São Paulo: Editora Átomo, 2003. Coleção Mulher e vida.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. 7ª Ed. Campinas: Papirus, 2003.

MASCARO, Sonia de Amorin. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004. Coleção Primeiros Passos.

MELO, Victor Andrade. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: Ibrasa. 2003.

MINAYO. Maria Cecília de Souza & COIMBRA, Carlos. *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MINOIS, George. *História da velhice no ocidente*. Lisboa; Teorema, 1987.

MORAES FILHO, Evaristo de. *Georg Simmel*. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Vol. 1 Neurose. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Edição brasileira de O Espírito do tempo. (2009)

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Vol. 2. Necrose. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Edição brasileira de O Espírito do tempo. (2009)

MOTTA, Alda Brito (org). *Dossiê: gênero, idades e gerações*. Ba. N°42 – Set/Dez.2004

NEGREIROS, Tereza Creusa de Góes. *A nova velhice. Uma visão multidisciplinar*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora REVINTER. 2007.

NERI, Anita Liberalesso (Org). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. SP, Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

NERI, Anita Liberalesso (Org). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papyrus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso (Org). *Qualidade de vida e idade madura*. 5ª Ed. Campinas, SP. Papyrus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guitta Grin.(Orgs). *Velhice e sociedade*. 2ª Ed. São Paulo: Papyrus, 1999.

NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Orgs. *Velhice bem-sucedida*. 2ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. (org). *Escritos sobre o corpo*. Diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação. RN: EDUFRN, 2009.

NOVAES, Joana de Vilhena. *O intolerável peso da feitura*. Rio de Janeiro: Ed: PUC-RJ: Garamond, 2006.

PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. *Cadernos Pagu* (26). Janeiro-junho de 2006. PP. 87-111.

PERROT, Michelle & DUBY, Georges. *História das mulheres*. O século XX. Lisboa: Edições Afrontamento. 1991.

PERROT, Michelle & DUBY, Georges. *Imagens da mulher*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1994.

PESAVENTO, S. J; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. de S. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais: Percursos em História Cultural*. Porto Alegre. RS: Asterisco, 2008.

PRIORE, Mary Del. *Corpo a corpo com a mulher*. SÃO PAULO: Editora SENAC, 2000.

REIS, Margareth de Mello. *Mulher: produto com data de validade*. São Paulo: O nome da rosa. 2002.

REZENDE, Claudia & COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. Série Sociedade e Cultura.

RIED, Bettina. *Fundamentos da dança de salão*. Londrina: Midiograf, 2003.

RODRIGUES, José Carlos. *Núcleo central das representações sociais*. RJ; Vozes. 1996.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 7ª Ed. RJ, Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Celso Pereira. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. RJ, Eduerj, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo. Estação Liberdade, 1995.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez; 2007.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2007.

SLATER, Don. *Cultura de Consumo e Modernidade*. São Paulo. Nobel. 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. *A noite escura mais eu*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1998.

TOSCANO, Moema e GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. RJ; Revan. 1992.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

VIEGAS, Susana de Matos; GOMES, Catarina Antunes. *A identidade na velhice*. Porto: Ambar, 2007.

VILLAÇA, Nízia. *A edição do corpo. Tecnociência, artes e moda*. Barueri; SP; Estação das Letras, 2007.

WOLFF, C.S; FÁVERI, M; RAMOS, T. R. O. *Leituras em rede. Gênero e preconceito*. Florianópolis. Editora Mulheres, 2007.

ZIMERMAN, Guite. *Velhice. Aspectos Biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ABSTRACT: Here I analyze the problem of old women from a constructionist perspective pointing out how the woman considered "old" has been balancing between traditional rules that summarizes the condition of his grandmother and new lines opened by the lifestyle called "third age" who induces a person aged over sixty years to explore new opportunities and change its attitude toward the age that you have. The women studied represent a breach of standards imposed on women and especially to the old woman. In this paper I look through participant observation and ethnography of the balls, the same as those women taking a major step toward emancipation when they decide to dance, are still printed in the jargon their bodies in order to prune their feelings, they chop the emotion to love again or simply give yourself the right to feel beautiful. The dance appears to these women as a means of allowing the upgrading of their bodies. They identify with traditional patterns of behavior and therefore do not want to conflict with their families, but see themselves represented in the lifestyle called third age, there is a combination of values and a multiplicity of identities living, time the grandmother, the dancer hours. **Keywords:** aging, dance, gender, behavior patterns.

